



**Memórias póstumas de George Orwell: a espionagem americana e as
(dis)torções impostas aos trabalhos do literário inglês**

George Orwell's posthumous memoirs: american espionage and (dis)twists imposed
on the english writer's works

Alessandro de Almeida¹

Edwirgens A. Ribeiro Lopes de Almeida²

Resumo: A partir da análise das obras *A Revolução dos Bichos* e *1984*, do escritor inglês George Orwell, objetiva-se neste *paper* problematizarmos as alterações sofridas por esta literatura nos tempos da guerra-fria. Diante do conflito político e ideológico, o serviço de espionagem americano procurou estimular a difusão das ideias de George Orwell em outras produções artísticas, modificando-as para criticar o modelo político Stalinista, o capitalismo e despolitizar a noção de *Big Brother*, criada pelo escritor.

Palavras-Chave: Guerra-fria; Orwell; Revolução Russa; imagens e meios de comunicação.

Abstract: From the analysis of the works 'Animal Farm' and '1984', by the English writer George Orwell, this paper aims to problematize the changes suffered by this literature in cold war times. Before the political and ideological conflict the American spy service sought to stimulate the diffusion of George Orwell's ideas into other artistic productions, modifying them to criticize the Stalinist political model, capitalism, and depoliticize the writer's notion of Big Brother.

Keywords: Cold War; Orwell; Russian Revolution; images and media.

De acordo com Umberto Eco (1984), a Guerra-fria é caracterizada por uma guerrilha semiológica. Para além dos armamentos de destruição em massa, as produções da indústria cultural americana estavam decisivamente vinculadas aos interesses do Estado. O autor esclarece que “um país pertence a quem controla os meios de comunicação”. Com efeito, a assertiva do lingüista evidencia a importância política dos meios de comunicação de massa, temática cara às críticas e aos estudos de George Orwell em suas obras na primeira metade do século XX.

Transformada em “indústria pesada”, conforme defende Marshall McLuhan (2005), a comunicação despertou o interesse de chefes de Estado e empresários na “aldeia global” que se organizava no pós-1945. É nesse contexto que, mesmo de maneira póstuma, os escritos de Orwell pareciam anunciar premissas importantes que marcariam o período pós Segunda-Grande Guerra. Mesmo morto, os apontamentos do autor sobre o controle dos meios de difusão de informações e as críticas aos modelos políticos radicais, tornavam-se importantíssimas para a reflexão sobre a Guerra-fria que mal nascera em 1945. Colocar tais obras sob o controle do serviço de inteligência americano e, sob a influência dos megaempresários de mídia que acumularam

¹ Doutor em História Social-UFU/ Professor de História Moderna e Contemporânea- Unimontes-MG

² Pós doutora em Literatura-UFMG/ Professora do Departamento de Comunicação e Letras e do Programa de Pós graduação em Letras/ Estudos literários da Unimontes-MG.

fortunas na guerra de imagens da segunda metade do século XX, potencializou a construção de significados muito distintos dos sentidos propostos pelo autor nos tempos das catástrofes mundiais.

Em *A Era dos Extremos*, o historiador inglês Eric Hobsbawm (1995) enfatiza que a Guerra-fria é marcada por uma vontade reconhecida de lutar. A partir de 1947, com a Doutrina Truman, a premissa de “conspiração comunista mundial” passou a ser difundida pelo governo americano como estratégia de conquista do globo. “Os reinos” e as repúblicas da liberdade viam-se ameaçados pelo perigo que vinha de Moscou. Em meio a essa necessidade de conspiração comunista é que a compra dos direitos autorais das obras de Orwell foram caras ao governo e empresários norte-americanos, pois, nada melhor do que a autoria de um ilustre marxista, para ampliarem as críticas à Revolução Russa de 1917 e ao Stalinismo, duas proposições básicas para sustentar a tese do perigo vermelho soviético.

Frances Stonor Saunders (1999), em *A Guerra-fria cultural*, relata que, logo após a morte de Orwell, Howard Hunt, espião norte-americano conhecido pela caso Watergate, comprou secretamente da viúva do escritor inglês os direitos para filmar seus livros. Nota-se que, tal ação coordenada pela Agência Central de Inteligência Americana (CIA), tornou-se uma poderosa arma de propaganda ideológica contra o perigo da expansão soviética. Modificada e recriada para a difusão via televisão e cinema, as obras literárias *A revolução dos bichos* e *1984* ganhariam novos sentidos, com vistas a cumprir com os interesses do governo americano de construir um discurso de combate ao comunismo. Sob esta ótica, é curioso constatar que, apesar de criticar o stalinismo, Orwell afirma que o seu principal intuito foi criticar os totalitarismos e os radicalismos, estimulados por propagandas ideológicas e não cumprir com um interesse empresarial e estatal de fortalecer a construção radical de um novo inimigo. Assim, os escritos produzidos nas guerras mundiais tomariam outro sentido quando transformados nas produções audiovisuais, através do controle da CIA e de empresários da comunicação.

Assim como Orwell, Teodor Adorno e Horkheimer (1985) já alertavam sobre a importância de se compreender os meios de comunicação de massa e os interesses que cercam as produções radiofônicas e cinematográficas. Apesar de uma visão que privilegiava a compreensão da produção e não da recepção das propagandas ideológicas, o trabalho dos representantes da Escola de Frankfurt já apontava para a relevância do rádio, do cinema e da imprensa escrita para a compreensão do poder político no século XX. Assim, afirmavam que o esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador comporta-se com os homens. A capacidade de manipulação pela exposição midiática de ideias foram questões herculeamente trabalhadas pelos filósofos. Tais premissas encontram-se presentes, com evidência, nas duas obras de Orwell em análise. Todavia, em *1984*, a vigilância e a propaganda são exaltadas com muita frequência, com a composição e ações do personagem “O Grande Irmão”, análise que aprofundaremos em seguida.

A respeito da relação política e comunicação de massa, Hannah Arendt (2007), em *A condição Humana*, afirmava que “o público é que pode ser visto por todos” ou que tenha maior visibilidade possível. Segundo ela, os governos totalitários buscam difundir sua propaganda ideológica tentando ofuscar a reflexão e o debate, atributos

caros à democracia e à condição humana. Em diversas obras da literatura e mesmo textos jornalísticos, a preocupação de George Orwell com a censura foi evidente. Em *A Revolução dos Bichos*, por exemplo, Napoleão, personagem ficcional associado a Stalin, persegue o porco “Bola de Neve”, Trotsky que busca contrariar e difundir ideias diferentes das propostas de Napoleão. Assim, como na realidade, o governo Stalinista procura evitar o diálogo e perseguir os opositores ao governo. Todavia, as obras de George Orwell, mesmo após a compra discutível de seus direitos autorais, ganhou notoriedade e, tornou-se imortalizada pela reprodutividade técnica que marcará o século XX.

Imaginário de Revolução: CIA X George Orwell

Em 2017, no centenário da Revolução Russa, é importante a reflexão sobre seus impactos para o mundo ocidental. Em diferentes temporalidades e territórios, o movimento revolucionário é representado de forma diversa e difusa. Nas primeiras décadas do século XX, ocorreu na Europa uma projeção das ideias de socialismos que marcaram a literatura.

No caso inglês, um dos principais expoentes dos escritos marxistas foi George Orwell. Obras como *A Revolução dos Bichos*, publicada pela primeira vez em 1945, marcaram as críticas ao Stalinismo e seu extremismo. Na condição de escritor, marxista e crítico literário, a visão do autor inglês tornou-se, notadamente, privilegiada. Totalitarismo, controle dos meios de comunicação, repressão e contrapontos entre o marxismo e a Revolução Russa foram algumas das temáticas que notabilizaram a escrita de Orwell. Com efeito, após a sua morte, a Agência Central de Inteligência americana (CIA) comprou os direitos autorais de suas obras e as modificou, valendo-se do apoio de empresários da indústria cultural americana que se enriqueceram nos tempos de Guerra-fria. Modificar os escritos de Orwell e reconstruir um imaginário negativo da Revolução Russa de 1917 foram estratégias muito utilizadas na Guerra-fria (1945-1991).

De acordo com Daniel Aarão Reis Filho (2003) em *As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético*, o processo revolucionário russo é muito distinto das proposições de Karl Marx. Um país pobre e de bases agrárias dificilmente teria bases estruturais para colocar em prática alguns dos prenúncios marxistas. A partir de tal pressuposto, o historiador elucida que “as Revoluções Russas” podem ser pensadas com ênfase em quatro momentos: 1905 – Ensaio Geral; Fevereiro de 1917 – a derrubada do Czar Nicolau II; Outubro de 1917 – a tomada ao poder dos Soviets e 1921 – A Nova Política Econômica de Lênin. No desenrolar dos momentos revolucionários, o autor deixa claro que o processo revolucionário russo que, ideologicamente, propunha o combate à desigualdade e a ascensão de grupos populares, na prática, torna-se, cada vez mais, excludente, passando a privilegiar grupos políticos, oprimir e ampliar as desigualdades sociais. No Stalinismo, por exemplo, o modelo de governo aproxima-se mais do antigo Czarismo do que das premissas do século XIX, propostas por Karl Marx. Dessa maneira, assim como proposto por George Orwell, em *A Revolução dos Bichos*, as ideias do “Velho Major” – personagem que represente a proposição de teorias marxistas, mas que participa da Revolução, aproximando-se das ações de Lênin – vão

gradativamente sendo alteradas no percurso da Revolução, principalmente após a morte do Velho Major e a ascensão do porco Napoleão. O “animalismo” distorcido faz com que antigas características da fazenda do “Sr. Jones” voltem a assombrar os animais. A representação czarismo decadente se apresenta como a essência dos problemas vivenciados pelos russos no Stalinismo, em uma crítica política, muito parecida com a proposta por Daniel Aarão Reis Filho.

Um exemplo dos usos distorcidos da obra de Orwell está no filme *A Revolução dos Bichos*, lançado em 1999, nos Estados Unidos. Dirigido por John Stephenson, a película constrói uma alegoria da Revolução Russa (1917), do Stalinismo e dos problemas sofridos pela URSS antes de sua queda. Propositamente, a sinopse da obra audiovisual procura entrecruzar a literatura escrita ao filme, conforme destacado abaixo:

Numa alegoria à corrupção do poder na União Soviética comandada por seu líder, Josef Stalin, o escritor George Orwell escreveu "A Revolução dos Bichos". Considerada um best-seller, a obra narra a história do fazendeiro Jones (Pete Postlephwaite). Um homem beberrão e cruel que explora seus animais. Revoltados com seu proprietário, eles se organizam em seu lar. De posse da terra, os bichos passam a controlar o lugar, decretando uma série de novas regras.

Difundida em Disco Digital Versátil (DVD), o filme foi divulgado em diversas regiões do mundo sendo facilmente encontrado na internet. Nesse sentido, cabe ressaltar que, em 1999, a internet começava a se popularizar e a capacidade de difusão de obras audiovisuais tornou-se cada vez mais dinâmica. Assim, a imagem do Czar como “um homem beberrão” e, principalmente, os bichos controlando o lugar “decretando uma série de novas regras” são aspectos que contribuem para o constructo de uma ideia de Revolução Russa e de URSS, excessivamente pejorativa. A queda da URSS, em 1991, já havia sido projetada em grande parte do mundo ocidental, como a vitória do capitalismo sobre o socialismo soviético. Assim, o filme contribui com a construção exagerada dessa vitória do sistema político capitalista.

A esse respeito, é importante salientar, conforme evidenciado por Perry Anderson (1995) em *Balanço do neoliberalismo* que, nos Estados Unidos, com a crise do Estado de bem-estar social dos anos 1970, o governo de Ronald Reagan (1981-1989) caracterizou-se pela corrida espacial desenfreada contra a URSS e o aumento de um déficit público considerado o maior da história dos Estados Unidos. A reflexão sobre as fragilidades da globalização econômico-financeiro, estimulada pelas políticas neoliberais, é um importante parâmetro de discussão que contraria a premissa de vitória sublime do capitalismo sobre os problemas do socialismo evidenciadas no filme a “Revolução dos Bichos”, lançado em 1999.

Ainda sobre o filme e a tentativa de construção de uma felicidade proposta pelo sistema político do capitalismo, a análise da personagem Jéssie se faz necessária. A cachorra, personagem principal e narradora do filme não existe no livro *A Revolução dos Bichos*, escrito nos anos 1940. Nas cenas iniciais da película é apresentada uma “tempestade de condenação” em referência à queda da URSS e ao fim das utopias socialistas. Em seguida, é proposta ao expectador a explicação da decadência,

representada simbolicamente pela forte tempestade. Com efeito, a história se passa por meio da narração dos “sonhos do velho major” e da inviabilidade do “animalismo” (socialismo) proposto por ele, principalmente após sua morte e o início do governo do personagem Napoleão (Stalin). A discussão acerca dos usos inviáveis do marxismo feito pelos governos soviéticos é apresentada, porém, a solução final para a felicidade da fazenda é o capitalismo e os princípios democratizantes, diferente do que ocorre no livro. Os socialistas soviéticos, Lênin, Stalin e Trotsky são apresentados como porcos. Sobretudo, o porco “Napoleão” – Stalin – é representado como um ditador, explorador e egoísta que modifica as ideias de Revolução. Esse sentido é o mesmo do livro de Orwell. E, para manter uma vinculação entre o livro e a produção audiovisual, dentre os personagens principais, apenas “Napoleão” e o “Sr. Pilkington” são mantidos, conforme tabela comparativa abaixo:

FILME	LIVRO	ALEGORIA
Sr. Jones	Sr. Jones	Imperador Russo em conjunto com as práticas capitalistas
Porco Velho Major	Porco Velho Major	Teorias Marxistas em “simbiose” com Lênin
Porco Snowball	Porco Bola-de-neve	Trotsky
Porco Napoleão	Porco Napoleão	Stálin
Porco Squealer	Porco Garganta	Membros do alto governo da URSS fiéis a Stálin, bem como a própria mídia auto proclamadora de Stálin.
Cavalo Boxer	Cavalo Sansão	Proletariado fiel ao governo da URSS
Cachorra Jessie	Égua Quitéria	Representantes soviéticos que perceberam o desvio do socialismo exercido na URSS (socialismo real) do socialismo científico (teorizado por Karl Marx)
Cão Pitcher e outros	Cães filhotes	Membros da polícia secreta soviética (KGB)
Sr. Pilkington	Sr. Pilkington	Países capitalistas ricos
O Moinho de Vento	O Moinho de Vento	Representação da indústria soviética

Não por acaso, com vistas a manter uma relação direta com a obra literária, os produtores do filme mantiveram as representações de Nicolau II – último Czar Russo – e de Stalin. O objetivo é manter uma estrutura narrativa que mantivesse as críticas ao czarismo e stalinismo propostos por Orwell em sua obra original. Todavia, ao modificarem ou inserirem novos personagens como a cachorra Jéssie, a recriação fílmica da obra condiciona um direcionamento quase apologético ao capitalismo. A hipótese da felicidade após a Queda da URSS jamais foi proposta por Orwell. Em artigo “Dentro da baleia” (2005), Orwell afirma que se encontrava, nos anos 1940, em um beco sem saída: de um lado, o capitalismo do laissez-faire e da cultura cristã liberal que se encontrava em colapso; do outro, o socialismo revelava-se como um novo expoente do totalitarismo de extrema esquerda, exterminando a liberdade de pensamento e de criação. O próprio Orwell exalta a importância de se considerar as

temporalidades para compreender as intenções de um escritor. Dessa forma, o uso indiscriminado de suas obras de forma póstuma, aponta para interesses distintos daqueles propostos por um escritor dos anos 1940. Mal sabia Orwell que “O grande irmão”, personagem ficcional criado em 1949 em seu último romance *1984*, poderia estar vinculado também aos estratagemas de empresários capitalistas e não apenas aos chefes totalitaristas de seu tempo.

O Grande Irmão zela por ti

“Era uma dessas figuras cujos olhos seguem a gente por toda parte” (ORWELL, 2008: 02). Ao relatar a exposição de um cartaz com o rosto do “Grande Irmão”, o escritor inglês apresenta seu personagem ficcional. Representando uma alegoria de Stalin e líderes totalitários, o Big Brother, consiste simbolicamente na figura de um chefe de Estado, cuja propaganda ideológica se propaga pelas ruas e cotidiano das pessoas. Como crítico do Stalinismo, notadamente da falta de liberdade de expressão, censura e opressão dos regimes políticos radicais do século XX, Orwell construiu sua narrativa. Sequer sabia o autor que a prerrogativa de um sistema de vigilância estatal, representado por sua criação ficcional, tornar-se-ia, a *posteriori*, uma inspiração para a criação de um programa de televisão baseado na vida real. Além disso, a fragilização dos Estados Nacionais nos anos 1960, após a morte de Orwell, e o avanço dos meios de comunicação fariam com que a vida privada de inúmeros cidadãos do mundo se transformasse em um recurso para que empresários acumulem fortunas com sua exposição. O sistema de vigilância militar estatal foi, por formas de viver líquidas e fluidas, apresentadas em programações televisivas de todo o mundo. O conceito de BBB passou a ser símbolo de exposição, vigilância, consumo, fluidez, vaidade, competição e um vazio intelectual que favorece investimentos e atrai espectadores do mundo inteiro. A vida real, na pós modernidade, apresentada na televisão e meios de comunicação digitais, impressiona pelo seu caráter opaco e potencial de estímulo ao consumismo. As apropriações das obras e personagens de Orwell ganharam, portanto uma importância singular.

1984, além de título do livro de George Orwell (2008), foi um ano marcado por inúmeras transformações provenientes, principalmente, dos anos 1960. O literato inglês escreve seu último romance em 1949, um ano antes de sua morte. O mundo vivenciava, no momento de sua escrita, a chamada Era do Ouro. Nos anos 1950, segundo Eric Hobsbawm (1995), a prosperidade dos países desenvolvidos no pós-guerra foi impressionante. Apesar de a desigualdade social ter se ampliado, o avanço dos meios de comunicação e aparelhos eletroeletrônicos empolgavam, mormente, ricos de todo o mundo. Como um bom leitor de seu tempo, George Orwell percebia que os mecanismos de vigilância e espionagem se dinamizavam de uma forma jamais vista. Percebia, também, como admirador da teoria marxista, que períodos de *boom* econômico precedem grandes crises. Como de fato ocorreu nos anos 1980. A Revolução Cultural que se anunciava e as posteriores crises do petróleo serão fatores decisivos para a crise dos Estados Nacionais, fascistas, socialistas e de bem-estar social nos anos 1970 e 1980. Como alguém que percebia bem o presente, Orwell escreve *1984*.

Atuando como crítico do totalitarismo que o assombrará em grande parte de sua vida, George Orwell (2008), em *1984*, anuncia que viveríamos sobre a vigilância do Grande Irmão. Anunciava-se, ali, ainda em 1949, a noção de *Big Brother*. No início de seu romance, destaca:

O apartamento ficava no sétimo andar e Winston, que tinha trinta e nove anos e uma variz ulcerada acima do tornozelo direito, subiu devagar, descansando várias vezes no caminho. Em cada patamar, diante da porta do elevador, o cartaz da cara enorme o fitava da parede. Era uma dessas figuras cujos olhos seguem a gente por toda parte. O GRANDE IRMÃO ZELA POR TI, dizia a legenda (ORWELL, 2008:01).

Nos anos 1940, os totalitarismos nazistas e soviéticos, conforme proposto por Hannah Arendt, assombravam Orwell. A propaganda ideológica e o sistema de vigilância ofuscavam a crítica e a inventividade artística de inúmeros intelectuais na Europa e em várias partes do mundo. Todavia, o encaminhamento de nossa discussão passa, necessariamente, neste momento pelo mundo pós-morte de Orwell em que, infelizmente, “O Grande Irmão” continuou zelando por nós.

De acordo com Fernand Braudel (2009), em *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*, o conceito de capitalismo está associado ao sistema político de oposição ao socialismo, conforme apresentado por Karl Marx no século XIX. Destarte, o capitalista – acumulador de fortunas – pode ser encontrado em qualquer sistema político ou nem mesmo depender de um vínculo direto com um. Ou seja, no socialismo, fascismo e capitalismo, os capitalistas podem valer de seus interesses na busca de capital sem, necessariamente, vincular-se à defesa de um modelo político. Apesar de versar sobre a vida material europeia dos séculos XV-XVIII, os conceitos propostos pelo historiador francês são importantes para pensarmos a busca por capital para além das fronteiras de um paradigma político, ultrapassando as barreiras de tempo e espaço de visões reducionistas. Dito isto, nota-se que após a morte de George Orwell em 1950, o mundo vivenciou crises que desestruturaram os modelos políticos, mas não o fortalecimento de empresários capitalistas, sobretudo aqueles investidores nos *mass medias*.

Para compreendermos o que denominamos de “despolitização do Big Brother” é importante percebermos que a Revolução Cultural dos anos 1960 e as crises internacionais freqüentes fizeram com que os regimes políticos fascistas, socialistas e capitalistas aprofundassem suas crises, conforme atesta Eric Hobsbawm (1995). Enfraquecidos, os Estados Nacionais, assim como ocorrerá nos anos 1920, deram espaço para o fortalecimento de mega empresários de mídia, como por exemplo, Huper Murdoch, empresário australo-americano detentor de uma das maiores fortunas do mundo, dono da Fox e da *News Corporation*. De acordo com Peter Burke (2004) em *Uma História Social da Mídia*, o avanço dos meios de comunicação e sua popularização se ampliaram ao passo em que os Estados Nacionais apresentavam fragilidades. O limiar entre esses dois pontos fez com que inúmeros empresários de mídia expandissem seu capital. O poder de tais dominadores dos meios de comunicação passou a exercer uma influência maior do que a dos chefes de Estado de regimes totalitários dos anos 1940. Se “Stálin usou as palavras “irmãos e irmãs” em sua primeira

transmissão radiofônica, em 3 de julho de 1941” (BURKE, 2004: 224), tempos depois os líderes políticos, para potencializarem suas imagens, poderiam ser reféns dos interesses dos magnatas de mídia. O apontamento do autor é imprescindível para nossa reflexão, pois as mídias estavam sobre o poderio estatal nos anos 1940, todavia a partir dos anos 1970, a situação se inverteu. O “Big Brother” ganhou novos contornos.

A respeito da ampliação do sistema de vigilância e de punição que se ampliou após as crises dos anos 1970, Michel Foucault já alertava que, diante dos avanços dos meios de comunicação, a capacidade de fiscalizar e punir poderiam se ampliar mesmo com o discurso de liberdade proposto pela aparente força da democracia e do capitalismo no mundo ocidental. A política se fortalecera fora do Estado burocrático em crise e, diante de outras percepções de poder, o papel da televisão e, posteriormente, da internet poderia fornecer novos campos de estudo para os cientistas sociais. É sob esta ótica que o sociólogo Zygmund Bauman (2001) afirma que as certezas do mundo moderno passaram por um processo de liquidez. Diante da descrença no Estado, na família, na igreja, na ciência e nas demais instituições, o consumismo e os interesses dos grandes empresários se fortaleceriam. O homem pós-moderno teria amizades e relacionamentos “face a face”, ou seja, mediadas por empresas de mídia como o Facebook. As relações pessoais, os projetos de vida e as demais ações típicas dos anos 1940 são, gradativamente, substituídas pelo mundo do “Big Brother” em que o indivíduo quebra o sigilo de seus dados pessoais e transfere todas as suas informações para bancos e demais empresas que exercem uma vigilância diária sobre eles. Se Orwell, afirmava alegoricamente se sentir vigiado pelo “Big Brother”, fazendo uma referência ao Stalinismo e ao Hitlerismo, o mesmo não pressupunha que, nas décadas seguintes, os indivíduos transfeririam todas as suas informações para empresários que utilizam os meios de comunicação para vigiar e construir fetiches que propõem o consumo ao invés da cidadania e da liberdade poética e crítica tão defendida pelo escritor inglês.

O antropólogo argentino, Nestor Garcia Canclini (2003) enfatiza que o pressuposto de cidadania vem sendo trocados pelos de compra. A perda de direitos e a fragilidade dos Estados fazem com que os indivíduos fiquem expostos aos interesses mercadológicos dos grandes empresários. É nesse clima que, em 1999, John de Mol, criou o reality show Big Brother, apresentado primeiramente nos países baixos. Sob a patente da empresa holandesa Endemol, o programa é caracterizado pelo confinamento de algumas pessoas em uma casa em que eles não têm acesso a parentes e são vigiados vinte e quatro horas. Tal característica chamou a atenção de críticos que direcionavam sua análise à fragilização e ao esvaziamento de programas televisivos. Nesse sentido, vigiar, entreter e consumir expressam marcas de um programa muito lucrativo, mas com conteúdo fraco.³ Considerando que programas que expõem o cotidiano já faziam parte da História da Televisão brasileira, americano e diversos países ocidentais, a primeira apresentação de Big Brother na Holanda foi um sucesso e a Endemol patenteou a marca e a revende para várias empresas do mundo.⁴

³ Ver dissertação de Mestrado da Pós-Graduação de Comunicação da UFMG intitulada: DE OLHO NO BIG BROTHER BRASIL: A PERFORMANCE MEDIADA PELA TV. 2005.

⁴ Em uma consulta ao site oficial da empresa, verificamos que Big Brother já foi produzido por emissoras dos seguintes países: Holanda, Argentina, Austrália, Bélgica, Brasil, Dinamarca, Alemanha, Grécia,

O grande Irmão, agora zela pelos lucros das grandes empresas de mídia e não apenas pela representação do poderio de chefes de Estado totalitarismo. A égide do consumo parece controlar o cotidiano dos indivíduos com uma força maior do que as políticas totalitárias, predominantes até meados do século XX.

No Brasil, por exemplo, programas de “pegadinha” exibidos em canais abertos, como o do mega empresário de mídia, Silvio Santos, dono do Sistema Brasileiro de Televisão já abriam caminho para o sucesso da exposição pública de pessoas vigiadas por câmeras. Até o jornalismo dos anos 1980 e 1990 com programas como *Aqui e agora* já preparavam um terreno fértil para o sucesso do *Big Brother Brasil* que já ultrapassou uma década de apresentação. É interessante notar que, ao invés dos indivíduos estarem expostos à propaganda ideológica estatal, eles estão aderindo a um discurso consumista que atende aos empresários da globalização. Conforme o geógrafo brasileiro Milton Santos (2008), vivemos um “fundamentalismo de mercado” que os donos das aparelhagens técnicas comunicativas constroem fábulas que nos conduzem ao consumo. Segundo ele, é necessária a compreensão de tais usos para a construção de uma globalização menos perversa e mais humana. Todavia, ciente dessa nova versão humanitária, a programação do BBB na atualidade procura seduzir seus expectadores com a inserção de pessoas com deficiência física ou com histórico de discriminação racial. Ou seja, existe uma tentativa de atualização do modelo em função da manutenção do sucesso do programa.

O sentido de irmão, referente à frase de Stalin difundida pela rádio em 1941 e criticado por Orwell na composição de seu personagem, é substituído por um mecanismo de fetiche para seduzir os telespectadores com uma aparente inclusão social de pessoas discriminadas. A exposição da vida “real” na televisão é construída de forma programada em função do lucro. A realidade, nos termos utilizados por Milton Santos, é escamoteada por “fábulas” da globalização que escondem a real perversidade vivida, de fato, por inúmeras pessoas do mundo. A fragilidade de pessoas excluídas socialmente é utilizada como uma estratégia para a atração de telespectadores e fãs do *Reality Show* de grande sucesso no Brasil e em vários países pelo globo. Em homenagem à crítica orwelliana é que alertamos para esses usos e abusos de sua obra. É incomodo pensar que as atuais versões do programa televisivo *Big Brother* são homenagem ao escritor inglês. Ele, como crítico social e defensor do socialismo na Guerra Civil Espanhola (1936-1939), dificilmente seria um fã do programa.

Os “irmãos e irmãs”, conectados pela internet ou de olho na televisão, dão sustentação para o novo modelo do “Grande Irmão”. Da condição de estatal, o sistema de vigilância é mediado por grandes empresas e utilizado em ambientes caseiros. Com um poderio muito superior às ondas do rádio de 1941, a nova versão do “BBB” pode apresentar perigos e lucros que preocupariam muito o intelectual inglês George Orwell. O escritor inglês não chegou a vivenciar que suas lutas contra a despolitização em favor da reflexão e da liberdade dariam nome a um programa de televisão que, via de regra, não segue as premissas do mesmo intelectual. Nota-se que, tanto A

Itália, México, Noruega, Polônia, Portugal, África do Sul, Suécia, Espanha, Chile, Nova Zelândia, Reino Unido e Estados Unidos. Com relação ao sucesso do formato nesses países, Hill (2002) aponta como exceção apenas as versões norte-americana e sueca.

Revolução dos bichos quanto 1984 foram ressignificadas trazendo marcas evidentes do contexto contemporâneo e das intencionalidades de seus divulgadores.

Bibliografia

- ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. 2 ed. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.) **Pós-neoliberalismo**: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 9-23.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- BAUMAN, Zygmund. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo**: séculos XV-XVIII: os jogos de trocas. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BRIGGS, Asa. BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- CANCLINI, Néstor García. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- ORWELL, George. **A Revolução dos Bichos**. São Paulo: Círculo do Livro, 1945.
- ORWELL, George. 1984. 4. ed. Madri: Mestas, 2008.
- ORWELL, George. **Lutando na Espanha**. São Paulo: Globo, 2002.
- ORWELL, George. **Dentro da baleia e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. **As revoluções russas e o socialismo soviético**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização do pensamento único a consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SAUDERS, Frances Stonor. **Who Paid the Piper? The CIA and the Cultural Cold War**. Granta Books, United Kingdom, 1999.
- MCLUHAN, Marshall. **McLuhan por McLuhan**: conferências e entrevistas. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.